



O CANDIDATO DO POVO

Edilson Pereira Nobre Júnior*

Era uma vez um homem da cidade, um autêntico dândi. Muito se assemelhava ao Jacinto de Tormes, personagem de Eça de Queiroz no seu livro de edição póstuma “A cidade e as serras”, sem faltar a influência do requinte parisiense, devido à parcela de sua educação obtida na pátria de Molière, quando de sua juventude dourada. Chamava-se Astrogildo de Albuquerque Lima, nascido no seio duma aristocrática família de um dos estados nordestinos.

Durante o Estado novo, contando com mais de trinta e cinco anos, assumiu importantes cargos na burocracia varguista, o que lhe assegurou uma vida tranquila economicamente, mas ao mesmo tempo socialmente tumultuada diante dos costumes impostos pelo progresso e pelos ouriços da capital.

Retornando o país à normalidade democrática, com a primeira queda do ditador dos pampas, o Dr. Astrogildo se viu forçado a continuar na arena política. A influência de que gozava perante o Partido Social Democrático – PSD, agremiação partidária que reunira os ex-interventores, tornou irreversível sua candidatura a uma das vagas para Senado pelo seu Estado de nascimento, do qual se encontrava ausente alguns anos.

A situação agora era diferente. Abolido o fraudulento modelo do voto à bico de pena, que embalou durante décadas o jogo de poder da República Velha, a conquista dos mandatos passou a depender dum novo ingrediente: o voto secreto, sobre o qual, dizia seu Benedito Valadares, é algo a conduzir o eleitor a uma vontade enorme para a traição.

Portanto, o sucesso eleitoral estava a depender não só do prestígio político ou da pujança econômica, mas da conjugação da simpatia do postulante e da correspondente empatia do eleitor.

* Professor da Faculdade de Direito do Recife (UFPE), instituição na qual concluiu mestrado e doutoramento em Direito Público. Desembargador do Tribunal Regional Federal da 5ª Região.

Isso constituía um motivo de forte preocupação para as hostes pessedistas. O Dr. Astrogildo não era lá dos mais populares. Pelo contrário, os seus modos fidalgos contrastavam em muito com os do típico homem do povo, principalmente com os rudes habitantes das zonas rurais, à época ainda na condição de representativos da maioria do contingente eleitoral.

A oposição não perdeu tempo. Logo passou a apelidar o Dr. Astrogildo de conde ou marquês, advertindo ao povo que o importante para o seu bem-estar não era o conhecimento sobre a Europa, sobre os poetas franceses, mas sim a defesa do algodão, produto do qual dependia a subsistência da grande maioria dos nordestinos e quem disso entendia era o Virgílio Bastos, médico do povo, candidato a senador pela União Democrática Nacional – UDN.

Preocupado com a situação, o então presidente estadual do PSD e, coincidentemente, candidato a governador na chapa do Dr. Astrogildo, decidiu tomar algumas providências antes que a vaca fosse para o brejo. Tratou logo de mandar um emissário para conversar com o Coronel Bonifácio das Oiticicas, prestigioso líder político do sertão, confiando-lhe uma importante missão. Era preciso, custasse o que custasse, que o Dr. Astrogildo fosse fazer um estágio na zona rural, a fim de se familiarizar com os costumes campestres e conquistar a simpatia dos sertanejos.

Dito e feito. Passados alguns dias, o Dr. Astrogildo, um pouco a contragosto, pôs-se nos rumos do sertão. Tão logo aportou nos domínios do Coronel Bonifácio, este cuidou de transformar o seu promitente senador em autêntico sertanejo. Vestido a caráter, com chapéu de couro e gibão, o candidato passou a montar no lombo dum cavalo baio, passando a percorrer as localidades da região em festas e forrós. Não foi algo fácil para quem nem mesmo suportaria fazer hipismo ou esqui nos lugares mais apropriados do continente europeu.

E não foi só. Apreciador dos charutos cubanos, bem como dos mais sofisticados cachimbos ingleses e belgas, impôs-se ao Dr. Astrogildo um cachimbo sertanejo, apropriado para fumo de rolo. A façanha fez com que ao candidato fosse atribuído um apelido, tão ao gosto do povo, que o denominava, com certa euforia, de “Cachimbo”.

Passada uma semana de aventuras, sucedeu um fato interessante. Estava-se durante a realização duma mescla de forró e de comício na Fazenda do Major Rosendo e de Dona Cândida, quando, logo após o anoitecer, o candidato “Cachimbo” sentiu uma enorme vontade de fazer suas necessidades fisiológicas, tendo em vista que o clima seco da caatinga lhe provocava enorme sede.

Coronel Bonifácio, cioso do seu candidato, e considerando que tais necessidades tinham de ser satisfeitas ao ar livre, chamou um dos homens de sua confiança, que atendia pelo nome de “Zé de Rafael”, para acompanhar “Cachimbão” até os arbustos que fariam às vezes de banheiros e seus biombos.

Distanciando-se um pouco do grupo de seus seguidores, “Cachimbão”, protegido pela vegetação florestal, pôs-se a aliviar-se com a expulsão duma quantidade imensa de líquido. Concluída a tarefa, e devidamente confortado, bradou para “Zé de Rafael” com satisfação:

– AH, ZÉ DE RAFAEL, VOCÊ JÁ OUVIU DIZER EXISTIR COISA MELHOR DO QUE U...?

Meio desconfiado, mas com a astúcia do bom matuto, que todos pensam que é uma besta, respondeu:

– DOTÔ, PARA ISSO SER VERDADE É PORQUE EU NUNCA FIZ OU PORQUE O SENHOR NÃO SABE O QUE É MUIÉ.

Pode-se ver que o resultado da peleja eleitoral foi óbvio. O Virgílio Bastos venceu com folgada maioria. Não pensem, no entanto, que o Dr. Astrogildo levou a pior. Derrotado, mas ainda com prestígio no PSD, que foi – e ainda é até hoje – governo, voltou a residir na Europa, onde ocupou bons postos na diplomacia, vindo ao Brasil apenas para visitar o Rio de Janeiro, esquecendo-se definitivamente da sua terra natal. Somente acalentou um desgosto durante o restante de sua existência: foi com o fato, que considerava uma grande insensatez, de Juscelino ter transferido a capital para o não desbravado Planalto Central.